

Criticismo

Comparando as teses de racionalistas e empiristas sobre o conhecimento, é possível perceber que eles concordavam, pelo menos, em dois pontos:

- a existência do sujeito conhecedor e do objeto conhecido – respectivamente, a mente (ou razão) e o mundo (ou realidade);
- a noção de conhecimento como apreensão do objeto pelo sujeito.

Basicamente, **racionalistas e empiristas mantinham o objeto conhecido no centro da reflexão sobre o conhecimento** como algo pronto, que o sujeito deveria apreender. A questão que os movia era a de encontrar o método mais adequado para garantir essa apreensão.

No século XVIII, Kant identificou pontos válidos e questionáveis nos pensamentos de ambos, afirmando que o conhecimento se adquire pela experiência e pela razão. Essa conciliação, porém, resultou em algo que ele chamou de segunda **revolução copernicana**, pois **Kant trouxe o sujeito conhecedor para o centro da reflexão sobre o conhecimento**, mostrando que não é possível apreender a realidade em si, mas é possível identificar o que se pode perceber e o modo como se pode percebê-lo, de acordo com as estruturas próprias da razão.

Kant acreditava que a realidade não é assimilada pelo homem e sempre guarda mistérios, pois a mente participa de sua construção no ato de tentar conhecê-la. Sendo assim, a questão que movia o pensamento desse filósofo era a de avaliar a possibilidade do conhecimento pelo sujeito.

A conclusão a que chegou foi a de que não é possível conhecer as coisas "em si", apenas **fenômenos**, ou seja, as coisas tais como aparecem "para nós". Além disso, ao contrário de Hume, ele acreditava na lei da causalidade, mas dizia que ela, assim como o espaço e o tempo, não está nas coisas, e sim na própria mente.

No pensamento kantiano, as noções de espaço, de tempo, de causa e de efeito são estruturas próprias da razão, além de outras, como quantidade, qualidade, modo e relação. De acordo com o filósofo, essas estruturas moldam a realidade que o indivíduo conhece. Sendo assim, apesar de ignorar como são as coisas em si, a razão pode identificar o modo como serão percebidas por qualquer pessoa. Com essas ideias, Kant inaugurou o **criticismo** – uma reflexão profunda sobre os limites e as possibilidades da razão. Observe, a seguir, um esquema que sintetiza a concepção kantiana do conhecimento.

17 Orientações didáticas.

revolução copernicana: o astrônomo Nicolau Copérnico (1473-1543) formulou a Teoria Heliocêntrica (planetas em volta do Sol), substituindo o modelo antigo, proposto por Aristóteles e Ptolomeu, em que a Terra ocupava o centro do Universo. De maneira similar, Kant promoveu uma revolução ao substituir o objeto pelo sujeito no centro da reflexão sobre o conhecimento, mostrando que a percepção do objeto é determinada pelas estruturas da mente.



RAAB, J. L. Immanuel Kant 1791. 1 gravura. Propriedade da Totenkopflage.

©Wikimedia Commons



©DIO Estudo, 2015. Digital

Ao desenvolver sua crítica sobre a capacidade humana de conhecer, Kant afirmou a existência de algumas categorias, presentes em nossas mentes, anteriores à própria experiência, as quais, por sua vez, condicionariam os conhecimentos que adquirimos. Nesse sentido, você consegue pensar em algum objeto, sem utilizar-se da categoria do espaço? Ou ainda, consegue lembrar algum conhecimento desvinculado da noção de tempo? **18** Orientações didáticas.

– Não importa o que possamos ver, sempre perceberemos o que vemos, sobretudo como fenômenos no **tempo** e no **espaço**. Kant chamava o tempo e o espaço de “formas da sensibilidade”. E ele sublinhava que essas duas formas já existem em nossa consciência antes de qualquer experiência. Isso significa que podemos saber, **antes** de experimentar alguma coisa, que vamos experimentá-la como fenômeno no tempo e no espaço. Somos incapazes, por assim dizer, de tirar os óculos da razão.

– Ele achava, portanto, que o fato de percebermos as coisas no tempo e no espaço era uma característica inata aos seres humanos?

– De certa forma, sim. O que vemos depende de termos crescido na Índia ou na Groenlândia. Em toda a parte, porém, percebemos o mundo como algo no tempo e no espaço. E isto é uma coisa que podemos afirmar de antemão.

– Quer dizer que o tempo e o espaço não existem fora de nós mesmos?

– Não. Ou pelo menos isso não é o mais importante. Kant explica que o espaço e o tempo pertencem à condição humana. Tempo e espaço são, sobretudo, propriedades da nossa consciência, e não atributos do mundo físico.

– Esta é uma visão totalmente nova.

– A consciência não é, portanto, uma “placa” que só registra passivamente as impressões sensoriais vindas de fora. Ela também é criativa; é uma instância formadora. A própria consciência coloca sua marca no modo como percebemos o mundo. Talvez possamos comparar isso com o que acontece quando colocamos água num jarro de vidro. A água toma a forma do jarro. Do mesmo modo, as impressões dos sentidos se adaptam às nossas “formas de sensibilidade”.

– Acho que entendo o que você quer dizer.

– Kant afirma que não é apenas a consciência que se adapta às coisas. As coisas também se adaptam à consciência. O próprio Kant chama isto de “a virada de Copérnico” na questão do conhecimento humano. Com isto ele quer dizer que esta reflexão é tão nova e tão radical em relação à tradição quanto a afirmação de Copérnico de que a Terra gira em torno do Sol e não o contrário.

– Agora entendo o que ele queria dizer quando afirmou que tanto os racionalistas quanto os empíricos estavam certos em parte. De certa forma, os racionalistas tinham esquecido a importância da experiência dos sentidos, enquanto os empíricos não quiseram ver que a razão codetermina nossa concepção de mundo.

– Para Kant, até a lei da causalidade, que, segundo Hume, o homem era incapaz de experimentar, é elemento componente da razão humana.

– Explique um pouco melhor.



DEO FISUKA, 2015, Digital

■ De acordo com o pensamento de Kant, o conhecimento é condicionado por categorias específicas da nossa mente. É como se utilizássemos uma espécie de “óculos da razão” para conhecer o mundo exterior a nós mesmos.

Filosofia 23

– Você ainda se lembra de que, para Hume, era a força do hábito que nos fazia ver uma relação de causa entre os processos da natureza. Isto porque Hume achava que não podemos sentir que a bola preta de bilhar é a causa do início do movimento da bola branca. Por esta razão, não podemos provar que a bola preta sempre colocará em movimento a branca.

– Ainda me lembro disso.

– Mas Kant considera uma propriedade da razão humana exatamente isso que, para Hume, não pode ser provado. A lei de causalidade é eterna e absoluta, simplesmente porque a razão humana considera tudo o que acontece dentro de uma relação de causa e efeito.

– E novamente eu diria que a lei de causalidade está na natureza e não em nós mesmos.

– Kant diz que ela está dentro de nós. Ele concorda com Hume [...] que não podemos saber com certeza como o mundo é “em si”. Só podemos saber como o mundo é “para mim” e, portanto, para todos os homens. A diferença que Kant estabelece entre as coisas “em si” e as coisas “para nós” é a sua mais importante contribuição para a Filosofia. Nunca seremos capazes de saber com toda a certeza como as coisas são “em si”. Só podemos saber como elas “se mostram” a nós. Em compensação, podemos dizer com certeza como as coisas serão percebidas pela razão humana.